

Os três mundos de Popper e a consideração habermasiana

The three worlds of Popper and the habermasian consideration

ALMIR JOSÉ WEINFORTNER¹

Resumo: O estudo aborda a teoria dos três mundos de Popper, com ênfase no terceiro mundo (mundo objetivo) e sua autonomia, que é destacada por Popper. Habermas, ao ler a interpretação de Jarvie sobre a teoria dos três mundos, busca sustentar a tese de que a escolha de um conceito sociológico de ação implica compromissos ontológicos. Inicialmente, o estudo esboça a interpretação de Jarvie sobre os três mundos de Popper e, em seguida, apresenta objeções e revisões necessárias na teoria, enfatizando a importância de ajustá-la para evitar suas fragilidades.

Palavras-chave: Popper. Habermas. Ontologia. Revisões.

Abstract: The study addresses Popper's theory of the three worlds, with an emphasis on the third world (objective world) and its autonomy, as highlighted by Popper. Habermas, upon reading Jarvie's interpretation of the theory of the three worlds, seeks to support the thesis that choosing a sociological concept of action implies ontological commitments. Initially, the study outlines Jarvie's interpretation of Popper's three worlds and then presents objections and necessary revisions to the theory, emphasizing the importance of adjusting it to avoid its weaknesses.

Keywords: Popper. Habermas. Ontology. Revisions.

O objetivo principal deste estudo é apresentar a *teoria dos três mundos* de Popper, cabendo uma maior atenção, devido a sua importância, ao terceiro deles - o *mundo objetivo*. Este terceiro mundo é *autônomo* e responsável pelos progressos e talvez até pela manutenção da humanidade. Esta autonomia do terceiro mundo é amplamente ressaltada por Popper, constituindo-se em sua característica fundamental. Mesmo — assim, há uma certa interação do mesmo com o homem, pois o - terceiro mundo não é algo “intocável”, mas está em constante renovação e ampliação. Os problemas que aí surgem também são autônomos. E, justamente, o que interessa para Habermas é esse *status ontológico* do terceiro mundo.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduação em Filosofia, com Licenciatura em Filosofia e História, e Especialização em Ética e Política pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso do Sul (IFMS). Foi professor da UNIOESTE (1997-1999), Universidade Paranaense, UNIPAR (2002-2008), SEED-PR (1998-2007-2011), UNIMEO (2008-2011), Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco (2008-2010). Ex-petiano do Grupo PET-FILOSOFIA da UNIOESTE-Campus de Toledo. E-mail: almir.weinfortner@ifms.edu.br

Habermas busca na leitura de Jarvie sobre a teoria popperiana dos três mundos o caminho para a tese de que “al elegir un determinado concepto sociológico de acción nos comprometemos con determinadas proposiciones ontológicas”.² Num primeiro momento traga um esboço da interpretação de Jarvie sobre a teoria dos três mundos de Popper. E depois de fazer as objeções, procede as devidas revisões nesta teoria, como uma necessidade para se evitar as debilidades em que a mesma cai. Habermas considera que sem esta revisão não se pode fazer uso do conceito de mundo para uma teoria da ação.

Mas antes mesmo de entrar na questão dos três mundos de Popper, pretendo delinear alguns traços de seu método — científico: o *falibilismo*. Achei importante realizar esta tarefa, intencionando situar o filósofo dentro da comunidade filosófica. Popper rompe com o método tradicional da verificação, desenvolvido principalmente a partir do positivismo lógico que tem, no Círculo de Viena, seus principais expoentes. Num segundo momento, sim, entrarei propriamente na questão — central, que é a teoria popperiana dos três mundos. E, por fim, num terceiro momento, tentarei mostrar a importância da mesma para Habermas e as devidas revisões que nela faz a partir de Jarvie.

22

Popper e o falibilismo

Em seu primeiro livro, *Lógica da investigação* (1935), Popper critica o critério utilizado pelo empirismo lógico para estabelecer os limites entre proposições com e sem significado, bem como o estabelecimento dessa distinção por meio do *princípio da verificação*, que concebe a lógica da investigação científica como a lógica indutiva. Para Popper, não podemos jamais chegar a enunciados universais partindo de enunciados particulares, ou seja, por um processo indutivo.

O problema da demarcação para Popper é encontrar um critério que permita distinguir as ciências empíricas de outras ciências, tais como a matemática, a lógica e a metafísica. Segundo Popper, a teoria para poder fazer afirmação sobre o real deve se chocar com a realidade. Desta forma, o critério de demarcação deve ser não o de verificabilidade, mas sim o de *falseabilidade* de um sistema. A partir deste

² HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987, p. 122.

critério, o que define a racionalidade científica não é a verificação das teorias, mas sim a sua crítica. Em outras palavras, a atitude científica diante de uma hipótese não consiste em procurar sua confirmação, mas antes em procurar casos que a falsifiquem.

Popper considera este o melhor caminho para o desenvolvimento científico, pois é mais fácil refutar uma teoria, mostrando a sua falsidade, do que procurar provar sua verdade - o que ele não considera possível. Uma proposição pode ter um conteúdo considerável de verdade, mas basta apenas um conteúdo de falsidade para que a mesma deixe de ser significativa.

A *falsificabilidade* é a resposta de Popper para superar o impasse gerado com sua reformulação do problema da indução. Popper pretende dar conta do empirismo, mostrando que, se sistemas teóricos não podem ser verificados empiricamente, eles podem ser falsificados pela experiência. Contudo é importante ressaltar que a definição de falsificabilidade pressupõe a existência de uma base empírica, ou seja, de enunciados singulares que sejam empíricos. A falsificabilidade, como critério popperiano de demarcação, é um confronto direto com o critério verificacionista do significado proposto pelo neopositivismo. Guiado pela inviabilidade do critério de verificabilidade como critério de demarcação, Popper mostra que o critério de falsificabilidade, proposto por ele, não contém as mesmas falhas lógicas do critério de verificabilidade.

Popper, para apresentar o seu critério de demarcação para a ciência, parte do problema da indução. Em *Conhecimento Objetivo* diz que sua proposta para a resolução deste problema foi um pressuposto de grande importância para a resolução de outros problemas filosóficos. Diz que a fundamental diferença entre seu processo e o processo indutivista está em que dá ênfase a argumentos negativos, tais como exemplos negativos ou contra-exemplos, refutações e tentativas de refutações, enquanto que a proposta indutivista dá ênfase a exemplos positivos, os quais são tomados como ponto de partida para todo o conhecimento. Para ele, o radicalismo indutivista destrói não só a metafísica, mas todo o conhecimento empírico, pois a maioria das proposições empíricas não são verificáveis.

A importância que Popper concede à refutabilidade se deve à sua preocupação com a dinâmica da ciência, com a evolução do conhecimento científico. Se o

objetivo é o progresso, a produção de novas teorias, a ciência deve necessariamente testar as mesmas, enfrentá-las com a experiência e expô-las ao risco do fracasso.

Popper entende por problema filosófico tradicional da indução uma formulação como a que se segue: “Qual é a justificativa para a crença de que o futuro será como o passado?” Esta formulação é considerada errônea, isto principalmente porque supõe que o futuro será igual ao passado. É a partir deste ponto que Popper propõe-se a resolver o problema da indução.

Como nosso objetivo aqui é o critério que Popper apresenta, a resolução do problema da indução por ele apresentado não será objeto de nossa análise mas vale considerar que Popper rejeita a possibilidade de que uma teoria explanativa universal possa ser justificada por razões empíricas. Para Popper, não se pode buscar a verdade de uma teoria, mas sim a sua *preferência*, ou seja, podemos justificar a preferência por algumas teorias universais em concorrência com outras através de razões empíricas. Desta maneira, pode ser que as asserções de teste refutem algumas teorias concorrentes, e na busca de uma teoria verdadeira, serão preferidas aquelas cuja falsidade não tenha sido esclarecida.

Todas as leis ou teorias devem ser encaradas como meras suposições, ou seja, a indução é indutivamente inválida e mesmo paradoxal. Mas nos deparamos com a seguinte questão: existem argumentos puramente racionais, inclusive argumentos empíricos, para justificar a nossa preferência por algumas hipóteses em contraposição a outras? Popper propõe que esta questão seja encarada de dois modos: um teórico e outro prático, ou seja, há uma *preferência teórica* e uma *preferência prática*.

A *preferência teórica* se interessa essencialmente pela verdade e, em especial, por encontrar teorias verdadeiras. Mas considerando que não podemos justificar empiricamente a verdade de uma teoria científica, tomando a posição de preferir umas suposições a outras, surgem as seguintes questões: que princípios de preferência devemos adotar? São algumas teorias melhores do que outras?

Podemos dizer que a preferência surge com respeito a um conjunto de teorias concorrentes, onde uma nova teoria, além de ter o mesmo êxito de sua predecessora, deve ter também êxito onde esta falhou ou foi refutada. Por isso, o teórico interessar-se-á por teorias não refutadas, especialmente porque algumas

delas podem ser verdadeiras. Sua preocupação deve ser a de, através da elaboração de testes severos e situações de teste cruciais, falsear uma teoria. Falsificada uma teoria, cumpre substituí-la por outra menos inadequada ao real. Vale dizer que, embora que pelo método da refutação possamos nos deparar com uma teoria verdadeira, não há como estabelecer a sua verdade, ainda que seja verdadeira. O progresso da ciência consiste, assim, numa *aproximação progressiva em direção à verdade*.

Desta forma, Popper propõe para a ciência o *método crítico*, o qual é um

método de experiência e eliminação de erros, de propor teorias e submetê-las aos mais severos testes que se possa projetar. É um método aplicável, embora inconclusivo, pois não se pode verificar qual das teorias é a verdadeira.³

Neste ambiente, entra em cena a *corroboração*, a qual constitui-se num

relato conciso avaliando o estado da discussão crítica de uma teoria, com respeito ao modo por que ela resolve seus problemas; seu grau de testabilidade; a severidade dos testes que experimentou e o modo pelo qual reagiu a esses testes.⁴

Popper assegura que

tudo quanto pode ser possivelmente positivo em nosso conhecimento científico só é positivo até onde certas teorias, em certos momentos do tempo, sejam preferidas a outras, à luz da discussão crítica, que consiste de refutações tentadas, inclusive testes empíricos.⁵

Em relação à *preferência pragmática*, podemos dizer que o homem de ação prática tem sempre de escolher entre alternativas mais ou menos definidas. Cada ação pressupõe um conjunto de teorias a respeito do mundo.

a) Em que teoria confiaremos, para a ação prática, de um ponto de vista racional? Em nenhuma, pois não podemos mostrar sua verdade.

b) Que teoria *preferiremos* para a ação prática, de um ponto de vista racional? Podemos preferir a teoria mais bem testada.

³ POPPER, Karl R. Conhecimento objetivo. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 27.

⁴ Idem, p. 28.

⁵ Idem, pp. 30-31.

Popper considera que o ponto de vista racional é perceber que a teoria mais bem testada é aquela que, à luz de nossa discussão crítica, parece ser a melhor até então. Encarar criticamente uma teoria, do ponto de vista da evidência e não de qualquer ponto de vista pragmático, não nos leva à segurança 19 Idem, pp. 30-31. 84 da evidência de sua verdade, mesmo com respeito às teorias mais bem testadas, como a de que o sol nasce todos os dias.

Popper propõe que seja abandonada a busca da Justificação no sentido de justificar a alegação de que uma teoria seja verdadeira, pois todas as teorias são hipóteses, por isso todas podem ser derrubadas. Desta feita, conclui que são inúteis as tentativas de elaboração de uma lógica indutiva como método de decisão em ciência.

O que possibilita a discussão crítica ou racional é a existência de teorias concorrentes, pois uma mostra a fraqueza ou o erro da outra, ou ambas se eliminam, havendo necessidade, assim, de outra teoria mais forte.

Isso mostra a falta de preocupação de Popper em relação à segurança do ponto de partida. Essa posição vem contrastar com a maioria dos outros filósofos, para os quais deve-se partir de um ponto seguro, certo e indubitável, como, por exemplo, Descartes, para o qual, tendo como base o método da dúvida, tudo depende da segurança do ponto de partida. Por isso considera que, assim como Descartes substituiu a autoridade da Bíblia e de Aristóteles pelo *Cogito*, os empiristas a substituíram pelos sentidos. Enquanto Descartes conclui certezas por dedução, os empiristas o fazem por indução. Para Popper não existem tais certezas fundamentais como as postuladas da razão e/ou dos sentidos. Segundo ele, no início de todo o conhecimento há conjecturas ou hipóteses. Por isso teorias não se concluem da experiência. Antes de tudo são hipóteses, projetos criadores, que só têm valor hipotético.

Popper considera que deve ser abandonada a busca de certeza para se ter uma base segura de conhecimento. Ou seja, não se preocupa com a segurança e a justificação do conhecimento, mas sim com seu crescimento.

Para o pensamento popperiano, na busca da verdade devem ser propostas teorias que se aproximem mais da verdade do que as de nossos predecessores. Embora a ideia da verdade seja absolutista, não se pode fazer qualquer alegação de certeza absoluta, isto é, somos buscadores da verdade, mas não seus possuidores. Assim, considerando que a certeza absoluta de uma teoria não pode ser proferida, o que podemos fazer é procurar o conteúdo de falsidade de nossa melhor teoria,

tentando refutá-la, pois a negação de uma proposição refutável nem sempre é refutável, enquanto espera-se que a negação de uma proposição significativa sempre seja significativa. Mas mesmo que passe por todos os testes, ainda é possível que a teoria seja falsa. Caso isso aconteça - passar por todos os testes -, tem-se “boas razões para conjecturar que nossa teoria, a qual tem conteúdo maior de verdade que de sua predecessora, pode não ter maior conteúdo de falsidade.”⁶ Caso houver falha na refutação de uma nova teoria, isso pode dar razões objetivas para dizer que a mesma é uma melhor aproximação da verdade do que sua predecessora. Esta busca da verdade é entendida da seguinte forma: uma teoria (T₁) é superada por uma nova teoria (T₂), porque (T₂) é mais semelhante à verdade do que (T₁), e o é “apenas se mais asserções verdadeiras decorrerem dela, porém não mais asserções falsas, ou pelo menos igualmente tantas asserções verdadeiras, porém menos asserções falsas.”⁷

Desta maneira, podemos inferir a seguinte asserção que forma a base lógica do método da ciência: a teoria mais forte, a de maior conteúdo, a menos que seu conteúdo de falsidade seja - maior, será também a de maior verossimilitude.

A ciência tem como função aumentar o número de asserções verdadeiras pelo método de propor teorias ou conjecturas que nos pareçam promissoras e diminuir o número de asserções falsas. Assim, embora a falsidade da teoria de Newton, seu conteúdo de verdade é muito grande, ou seja, contém um grande número de conseqüências verdadeiras interessantes e informativas. Isto significa que uma asserção falsa pode parecer mais próxima da verdade do que outra asserção falsa.

Embora tenhamos argumentos científicos fracos para alcançar a verdade, podemos ter argumentos fortes e bons para alegar que é possível termos feito progresso no rumo da verdade. Por isso, pode-se explorar o método da ciência, e muito de sua história, como o processo racional de chegar mais perto da verdade.

Para Popper, a avaliação das teorias não pode ser feita no nível puramente empírico - o que não implica fazê-la no nível psicológico e subjetivo (segundo mundo). Além do mundo real dos fatos (primeiro mundo) e do mundo interior de

⁶ Idem, p. 85.

⁷ Idem, p. 58.

cada um (segundo mundo), Popper acrescenta um *terceiro mundo*: o mundo lógico das teorias, onde elas se confrontam segundo critérios propriamente racionais e objetivos, porque puramente lógicos - é o *mundo objetivo*. Assim, o progresso da ciência depende do *conhecimento objetivo*, o qual consiste no conteúdo lógico das teorias, conjecturas e suposições, é o mundo dos conteúdos lógicos de livros, bibliotecas, memórias de computador e similares. A partir daí, apresenta a seguinte tese: quase todo o nosso conhecimento subjetivo depende do *conhecimento objetivo*.

O critério apresentado por Popper é audaz. Explico: diferentemente de toda uma metodologia tradicional de busca do conhecimento através da verificação das elaborações científicas, propõe que devam ser procuradas formas de mostrar a falsidade das mesmas.

Sem dúvida nenhuma, apesar das várias críticas que recebeu e que continua recebendo, é mais uma importante contribuição para esta laboriosa tarefa que instiga e fadiga, atrai e deleita o homem, que é a *busca do conhecimento*.

Os três mundos de Popper

Feitas estas considerações, entremos agora no objeto principal de nossa análise, que é a teoria dos três mundos de Popper. Como já disse no início, será ressaltado o terceiro mundo, o mundo objetivo. Para tanto, será mostrada, principalmente, sua autonomia em relação aos outros dois mundos. Neste sentido, Popper fará uma crítica à epistemologia tradicional, que toma o conhecimento a partir do segundo mundo, o mundo subjetivo. Neste âmbito não podemos alcançar nenhuma segurança para a construção do saber.

Outro aspecto que vai ser ressaltado por Popper é o fato do terceiro mundo ser passível de uma abordagem biológica, pois no mundo da natureza, assim como no mundo científico, surgem problemas “espontâneos”, ou seja, autônomos.

O principal objetivo deste estudo é apresentar o terceiro mundo como o aspecto fundamental, não só do crescimento do conhecimento, mas também, segundo Popper, como a própria base na qual está ancorada a humanidade. Popper considera que seu terceiro mundo tem muito em comum com a teoria das Idéias de Platão, com o espírito objetivo de Hegel e com a teoria de Bolzano de um universo de proposições em si mesmas e de verdades em si mesmas; mas se assemelha,

sobretudo, ao universo de conteúdos objetivos de pensamento de Frege. Sustentando o terceiro mundo, Popper pretende provocar os filósofos de crença, pois o problema é encontrar teorias melhores e mais ousadas, tendo importância a preferência crítica e não a crença.

Popper divide seus três mundos da seguinte forma:

- 1) o mundo de objetos físicos ou de estados materiais;
- 2) o mundo de estados de consciência ou de estados mentais, ou, ainda, de disposições comportamentais para agir;
- 3) o mundo de conteúdos objetivos de pensamento, especialmente de pensamentos científicos e poéticos e de obras de arte. Seus habitantes: sistemas teóricos; problemas e situações de problemas; argumentos críticos; conteúdos de revistas, livros e bibliotecas.

O principal aspecto que Popper ressalta do terceiro mundo é a sua existência independente. O argumento para demonstrar tal tese é desenvolvido por este filósofo a partir de duas experiências de pensamento:

1. Todas as máquinas e equipamentos, bem como nosso aprendizado e conhecimento subjetivos podem ser destruídos, “mas sobrevivem bibliotecas e nossa capacidade de apreender com elas”⁸ E Popper completa: só assim é que nosso mundo pode continuar a andar.

2. Considerando a mesma situação anterior, mas, agora, todas as bibliotecas também foram destruídas, ou seja, a capacidade para aprender com os livros tornou-se inútil.

Nessas duas experiências fica mais clara a realidade, a significação e o grau de autonomia do terceiro mundo, pois no segundo caso está em jogo a própria civilização, pois pode demorar milênios para que ela volte a se desenvolver. A partir

¹ Idem, pp. 109-110. ⁹¹ daí, Popper se propõe a defender três teses, ligadas à epistemologia (teoria do conhecimento).

Primeira tese: “A epistemologia tradicional tem estudado o conhecimento ou o pensamento num sentido subjetivo”.⁹ Ou seja, delimita o conhecimento científico

⁸ Idem, pp. 109-110.

⁹ Idem, p. 110.

ao segundo mundo, enquanto que pertence ao terceiro mundo, o de teorias objetivas, problemas objetivos e argumentos objetivos. Por isso, Popper afirma categoricamente que a epistemologia tradicional é sem importância, como também boa parte da contemporânea. A partir daí, Popper apresenta dois sentidos diferentes de conhecimentos (ou de pensamentos):

a) conhecimento ou pensamento no sentido subjetivo;

b) conhecimento ou pensamento num sentido objetivo. É um conhecimento sem conhecedor, sem sujeito que conheça. Esta posição assemelha-se a de Frege: “Por pensamento entendo não o ato subjetivo de pensar, mas o seu conteúdo objetivo (...).”¹⁰

Popper esclarece esta diferença a partir de exemplos. Uma proposição do segundo mundo poderia ser exemplificada da seguinte maneira: “Sei que o último teorema de Fermat não foi provado, mas *creio* que será provado um dia.”¹¹ Enquanto que uma proposição do terceiro mundo pode ser assim colocada: “Levando em conta o estado atual do conhecimento matemático, parece possível que o último teorema de Fermat possa ser indecisível.”¹²

Em suma, esta primeira tese pode ser assim esboçada: “a epistemologia tradicional, com sua concentração no segundo mundo, ou no conhecimento no sentido subjetivo, é irrelevante para o estudo do conhecimento científico.”¹³

Segunda tese:

O estudo de um terceiro mundo de conhecimento objetivo *amplamente autônomo* é de importância decisiva para a epistemologia. (...) os cientistas agem com base numa suposição ou numa crença subjetiva referente ao que é

¹⁰ FREGE Apud idem, p. 111.

¹¹ Popper, op. cit., p. 112. Verifica-se que neste exemplo o verbo é utilizado na primeira pessoa do presente do indicativo. Ou seja, é uma proposição típica do segundo mundo, o mundo subjetivo.

¹² Idem, ibidem. Esta proposição é carente de um sujeito. É um exemplo típico de conhecimento objetivo.

¹³ Idem, p. 113.

promissor de *crescimento iminente no terceiro mundo do conhecimento objetivo*.¹⁴

Terceira tese: “uma epistemologia objetivista que estuda o terceiro mundo pode ajudar a lançar imensa soma de luz sobre o segundo mundo de consciência subjetiva, (...) mas o inverso não é verdadeiro.”¹⁵

A partir daí Popper apresenta três teses de apoio:

1) “o terceiro mundo é um produto natural do animal humano, comparável a uma teia de aranha;

2) “o terceiro mundo é amplamente autônomo, mesmo que constantemente atuemos sobre ele e sejamos atuados por ele;

3) “através desta interação entre nós e o terceiro mundo é que o conhecimento objetivo cresce, e que há estreita analogia entre o crescimento do conhecimento e o crescimento biológico.”¹⁶ Popper pretende defender a autonomia do terceiro mundo através de uma espécie de argumento biológico ou evolucionário.

31

A objetividade e a autonomia do terceiro mundo

“Uma das principais razões para a errônea abordagem subjetiva do conhecimento é o sentimento de que um livro nada é sem um leitor.”¹⁷ Para Popper, um livro continua sendo um livro (produto) mesmo que nunca tenha sido lido por alguém. Aliás, não precisa ter sido escrito por qualquer pessoa - pode ter sido trabalho de um computador...

Quase todo livro contém conhecimento objetivo, verdadeiro ou falso, útil ou inútil.

É sua *possibilidade ou potencialidade* de ser entendido, seu *caráter disposicional* de ser compreendido ou interpretado, ou

¹⁴ Idem, *Ibidem*.

¹⁵ Idem, pp 113-114.

¹⁶ Idem, p. 114.

¹⁷ Idem, *Ibidem*.

desentendido ou mal interpretado, o que faz de uma coisa um livro.¹⁸

Ou seja, um livro pode existir sem jamais serem efetivadas ou organizadas estas condições.

Isso quer dizer que não é o fato de ser composto por animais racionais, ou de ter sido lido ou entendido que é o essencial para fazer de algo um livro. Um livro pertence ao terceiro mundo do conhecimento objetivo. Por isso, o livro, para sê-lo, não precisa ser apreendido por alguém, pois tem uma certa *autonomia*. “... há um tipo de terceiro mundo platônico de livros em si mesmos, teorias em si mesmas, problemas em si mesmos, situações de problemas em si mesmas, argumentos em si mesmos e assim por diante.”¹⁹

A tese da existência do terceiro mundo pode ser defendida apontando-se sua analogia biológica.²⁰ Popper atesta que “grande parte do terceiro mundo objetivo de teorias efetivas e em potencial e de livros e argumentos surge como um subproduto não pretendido dos livros e argumentos efetivamente produzidos”²¹ Pode-se dizer que é o subproduto da linguagem humana, ou, um subproduto não pretendido de | ações que se dirigiam a outros alvos. Fazendo uma comparação biológica, assim

¹⁸ Idem, p. 117.

¹⁹ Idem, p. 118.

²⁰ Deixemos a palavra com o próprio Popper: “Por exemplo, tem ela plena analogia no reino dos ninhos de passarinhos. Há uns anos, ganhei um presente para meu jardim - uma caixa de ninhos para pássaros. Era um produto humano, sem dúvida, não um produto de pássaros (...). Mas, no contexto do mundo dos pássaros, era parte de uma situação de problema objetivo mais do que de uma oportunidade objetiva. Por alguns anos os pássaros nem mesmo pareceram notar a caixa de ninho. Mas após alguns anos, ela foi cuidadosamente inspecionada por algumas cotovias azuis que mesmo começaram a aninhar-se nela, mas muito depressa a abandonaram. Obviamente havia ali uma oportunidade aproveitável, ainda que não fosse, parece, particularmente valiosa. De qualquer modo, estava aí uma situação de problema. E o problema pode ser resolvido em outros anos por outros pássaros. Se não for, outra caixa pode mostrar-se mais adequada. Por outro lado, uma caixa mais adequada pode ser removida antes de ser usada qualquer vez. A questão da adequação da caixa é claramente objetiva; e ser a caixa usada alguma vez é parcialmente acidental. O mesmo se dá com todos os nichos ecológicos. São potencialidades e podem ser estudados como tais de modo objetivo, até um ponto independente da questão de serem essas potencialidades algum dia efetivadas por qualquer organismo vivo” (Idem, *ibidem*). Uma questão é o ninho de passarinhos ser perfeitamente adequado ao seu fim; já outra é se alguma vez vai ser habitado ou não.

²¹ Idem, *ibidem*.

como uma trilha de animal na selva, a linguagem e quaisquer outras instituições humanas podem existir e se desenvolver por sua utilidade, ou seja, ocasionalmente. Diz Popper: “a estrutura-alvo (meu grifo) de animais ou homens não é dada, mas se desenvolve com o auxílio de certo tipo de mecanismo de retrocarga, saído de alvos antigos e de resultados que eram visados ou não”.²² Isso nos mostra o surgimento de um mundo que é autônomo em larga extensão.²³

O universo do conhecimento objetivo é um dos mais importantes criados pelo homem, mas ao mesmo tempo amplamente autônomo, ou seja, embora seja um produto humano, o terceiro mundo cria por sua vez, seu próprio *domínio de autonomia*. Esta idéia de *autonomia* é central na teoria do terceiro mundo de Popper. Os melhores exemplos desta autonomia podem ser encontrados junto à teoria dos números naturais. Embora a sequência dos números naturais seja uma construção humana, ela por sua vez, cria seus próprios problemas autônomos (distinção entre números ímpares e pares; os números primos; etc.).

Embora o terceiro mundo seja amplamente autônomo, sua

autonomia é apenas parcial:²⁴ os novos problemas levam a novas criações ou construções e podem assim acrescentar novos objetivos ao terceiro mundo. E cada um de tais fatos criará novos fatos não pretendidos, novos problemas inesperados e muitas vezes também novas refutações.²⁵

Popper descreve este processo a partir do seguinte esquema:

$P_1 \rightarrow TT \rightarrow EE \rightarrow P_2$.²⁶ Onde:

P1: problema ponto de partida;

²² Idem, p. 119.

²³ “Exemplo muito óbvio é um jardim. Ainda que possa ter sido planejado com grande cuidado, via de regra ele sairá em parte de modos inesperados. Mas mesmo que saia tal como foi planejado, algumas relações inesperadas entre os objetos planejados podem dar origem a um universo inteiro de possibilidades, de novos alvos possíveis e de novos problemas.”(Idem, ibidem)

²⁴ Não é um conhecimento infalível e fechado em si mesmo.

²⁵ Idem, p. 120. Assegura Popper: “A autonomia do terceiro mundo e a retrocarga do terceiro mundo sobre o segundo e mesmo o mesmo o primeiro estão entre os fatos mais importantes do crescimento do conhecimento.”(Idem, ibidem)

²⁶ Popper considera esta apresentação como super-simplificada, devendo ser elaborada ou mesmo radicalmente modificada sempre que surgir necessidade.

TT: teoria ou solução experimental;

EE: eliminação de erros;

P₂: novo problema.

O esquema é descrito da seguinte forma:

Partindo de um problema -(P₁) passamos a uma teoria ou solução experimental (TT), que pode ser errônea (parcial ou totalmente); em qualquer caso, será submetida à eliminação de erros (EE), que pode consistir de discussão crítica ou de testes experimentais; de qualquer forma, novos problemas (P₂) brotarão de nossa própria atividade criadora; e esses novos problemas não são em geral criados intencionalmente por nós, mas emergem autonomamente do campo de novas relações que não podemos deixar de trazer à existência com cada ação, por pouco que o pretendamos fazer.²⁷

Linguagem, crítica e o terceiro mundo

As criações mais importantes dos homens são as funções mais altas da linguagem humana, em especial, a *função descritiva* e a *função argumentativa*. Tanto as linguagens humanas quanto as dos animais têm duas funções inferiores:

- 1) a auto-expressão, apresenta o estado de algum organismo;
- 2) a sinalização, que depende da resposta de outro organismo.

Mas a linguagem humana tem muitas outras funções. As duas funções superiores mais importantes são: a descritiva e a argumentativa.²⁸ Com a função descritiva surge a idéia reguladora de verdade.²⁹ A função argumentativa pressupõe a descritiva: os argumentos partem de descrições ou a elas fazem referências. A partir daí Popper chega a dois pontos de suma importância:

1) A discussão crítica sobre um objeto depende do desenvolvimento de uma linguagem descritiva. Daqui pode surgir um terceiro mundo lingüístico, a partir do qual, e só dele, se podem desenvolver os problemas e os padrões da crítica racional.

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ A argumentação crítica e o conhecimento objetivo só se tornam possíveis dentro de uma linguagem, cujas funções mais importantes são a descritiva e a argumentativa.

²⁹ Aqui o termo verdade é entendido como descrição que se ajusta aos fatos.

2) Nossa humanidade/razão depende deste desenvolvimento das funções superiores da linguagem. “Pois nossos poderes de raciocinar nada mais são que poderes de argumentação crítica.”³⁰ Por isso,

Com a evolução da função argumentativa da linguagem, torna-se a crítica o instrumento principal de maior crescimento. O mundo autônomo das funções superiores da linguagem torna-se o mundo da ciência. E o esquema: $PI \rightarrow TT \rightarrow EE \rightarrow P_2$, torna-se o esquema do crescimento do conhecimento através da eliminação de erros por meio da crítica racional sistemática.³¹

Sentidos da palavra conhecimento:

1) Conhecimento subjetivo: “consiste de certas disposições inatas para agir e de suas modificações adquiridas.”³²

2) Conhecimento objetivo: é o conhecimento científico, “que consiste de teorias conjecturais, problemas abertos, situações de problemas, e argumentos.”³³ O trabalho científico é dirigido para o crescimento do conhecimento objetivo, assim como pedreiros trabalham na construção de um prédio. Meios indispensáveis do crescimento científico podem ser a linguagem, a formulação de problemas, a emergência de novas situações problemas, teorias concorrentes, crítica mútua por meio de argumentação.

Popper considera que, como já vimos na primeira parte desta análise, todo trabalho humano é falível, pois constantemente cometemos erros e há padrões objetivos que podemos não atingir. Faz uma crítica à epistemologia tradicional, a qual tem seu ponto de interesse no segundo mundo; considera que o conhecimento científico tradicional é uma espécie de crença. “Os cientistas tentam eliminar suas teorias falsas, tentam deixar que elas morram em lugar delas. O crente perece com suas crenças falsas.”³⁴ Para Popper,

³⁰ Idem, p. 122.

³¹ Idem, ibidem.

³² Idem, ibidem.

³³ Idem, ibidem.

³⁴ Idem, p. 123.

não há fontes autorizadas de conhecimento e nenhuma — fonte é particularmente digna de fé. Tudo é bem-vindo como fonte de inspiração, inclusive a intuição; especialmente se nos sugerir problemas novos. Mas nada é seguro e somos todos falíveis.³⁵ Pior ainda do que a tentativa de aplicar um método inaplicável é o culto ao ídolo do conhecimento certo, ou infalível, ou autorizado, que esses historiadores confundem com o ideal da ciência. (...) evitar erros é um ideal pobre: se não ousarmos atacar problemas tão difíceis que o erro seja quase inevitável, então não haverá crescimento do conhecimento.³⁶... não pode haver construção sem constante controle crítico, nem crítica sem pôr nossas construções em forma lingüística e tratá-las como objetos do terceiro mundo. Embora o terceiro mundo não seja idêntico ao mundo de formas lingüísticas, ele surge juntamente com a linguagem argumentativa: é um subproduto da linguagem. (...) embora originariamente construídos por nós - o terceiro mundo origina-se como produto nosso - os conteúdos de pensamento levam consigo suas próprias consequências não pretendidas.³⁷

E assegura: “num sistema de crítica, a fraqueza e a parcimônia não são virtudes, pois a virtude está numa teoria que pode suportar crítica forte”.³⁸

Para Popper,

De um ponto de vista objetivista, a epistemologia torna-se a teoria do crescimento do conhecimento. Torna-se a teoria da solução de problemas ou da construção, discussão crítica, avaliação e teste crítico de teorias conjecturais concorrentes.³⁹

36

Ele propõe que, em relação a teorias concorrentes, se use o termo *preferência*, em vez de aceitação.

Diz Popper que a preferência a uma teoria depende de sua resistência a *testes severos e engenhosos*, ou seja, a teoria, de um conjunto de teorias, que melhor resistir aos testes, será a preferida. Todas as teorias são importantes, mesmo que passem nos testes, pois o conteúdo de verdade que tiver, por menor que seja, pode oportunizar a construção de uma teoria melhor, com novos problemas, inesperados e frutíferos. Desta forma, pode-se dizer que a ciência começa com problemas e passa

³⁵ Idem, p. 133.

³⁶ Idem, p. 177.

³⁷ Idem, p. 136.

³⁸ Idem, p. 138.

³⁹ Idem, p. 141.

para teorias concorrentes, as quais avalia criticamente ($P_1 > TT \rightarrow EE \rightarrow P_2$). Popper reforça que “a avaliação é sempre crítica e tem por alvo a descoberta e a eliminação de erro”⁴⁰ É assim que se dá o crescimento do conhecimento, ou seja, pela eliminação de erro e *não por um processo cumulativo*.

Não há coisas tais como dados de sentidos e percepção que não sejam construídos sobre teorias; os dados não são base nem garantia para as teorias. A descoberta científica, assim como a vida, é um processo de passagem de velhos problemas para a descoberta de problemas novos e inimaginados.

O mundo objetivo, como já foi dito, embora criado pelo homem, tem sua própria autonomia. Mas o mais importante é a relação entre nós e nossa obra, e o que pode ser ganho desta relação para nós. Aqui está o fato mais notável e importante da evolução humana. Popper chega a afirmar que o que nos diferencia de um animal é que temos a nosso dispor o terceiro mundo: um mundo de linguagem, de conhecimento objetivo.

O segundo mundo é o elo de ligação entre o primeiro mundo e o terceiro. Todas as, nossas ações no primeiro mundo são influenciadas pela apreensão do terceiro mundo por nosso segundo mundo.

“Por isso é impossível compreender a mente humana e o ser humano sem compreender o terceiro mundo; e por isso é impossível interpretar o terceiro mundo como mera expressão do segundo, ou o segundo como mero reflexo do terceiro”.⁴¹

Nós e o terceiro mundo, crescemos por meio de mútua luta e seleção.

Sobre a mente objetiva

Popper fala de uma *filosofia pluralista*,⁴² onde o mundo é constituído de três submundos ontologicamente distintos: o primeiro é material; o segundo é mental e o terceiro é ideal, no sentido objetivo.

⁴⁰ idem, p. 142.

⁴¹ Idem, p. 147.

⁴² É Platão quem introduz esta filosofia pluralista, transcendendo o esquema dualista. É o pai do terceiro mundo.

A *relação entre estes três mundos* é um dos problemas fundamentais dessa filosofia pluralista. Os três relacionam-se de tal modo que os dois primeiros podem interagir e os dois últimos também. Enquanto que o segundo mundo interage com cada um dos outros dois mundos, o primeiro e terceiro só podem interagir pela intervenção do segundo, ou seja, o segundo mundo estabelece um elo indireto entre o primeiro e o terceiro mundos. A influência do terceiro mundo sobre o primeiro dá-se, por exemplo, com um cientista que efetua mudanças no primeiro mundo a partir da aplicação de certas consequências de teorias do terceiro mundo.

O terceiro mundo é confundido, na maioria das vezes, com os objetos pertencentes ao segundo mundo. Esta confusão começa com o próprio Platão. Foram os Estoicos os primeiros a darem a objetividade do terceiro mundo. Incluíram junto a teorias ou proposições, problemas, argumentos e indagações argumentativas, etc.

A partir daí, Popper distingue dois grupos de filósofos:

1) aqueles que aceitam um terceiro mundo autônomo, encarado como sobre-humano, divino e eterno (Platão) apoiam- “se no fato de que podemos falar de verdades eternas: uma proposição é, infinitamente, verdadeira ou falsa.

2) o segundo grupo rejeita a existência do terceiro mundo. Não podemos fabricar verdades eternas e, por isso, elas não podem ser reais, podemos apenas usar o predicado *verdadeiro*. A linguagem é feita pelo homem, por isso só aceitam o primeiro e segundo mundos.

Popper mantém uma posição diversa da de ambos os grupos:

é possível aceitar a validade ou a autonomia do terceiro mundo e ao mesmo tempo admitir que o terceiro mundo tem origem como produto da atividade humana. (...) o terceiro mundo é feito pelo homem e é, ao mesmo tempo, sobre-humano.⁴³

Neste sentido, transcende seus fabricantes.

Podemos ver a realidade do terceiro mundo ao considerarmos seu efeito sobre o primeiro mundo, com a mediação do segundo mundo. Por exemplo, o impacto da teoria atômica sobre nosso ambiente inorgânico e orgânico. O terceiro mundo é produto dos homens, muito embora as maiores partes do mesmo são o produto não

⁴³ Idem, p. 156.

planejado de ações humanas (por exemplo, a linguagem). Existem problemas autônomos, ou seja, não fabricados por nós, mas que são descobertos por nós. Na tentativa de resolver esse e outros problemas podemos inventar novas teorias.

Mas no momento em que produzimos essas teorias elas criam novos problemas, não pretendidos e inesperados, problemas autônomos, problemas a serem descobertos.⁴⁴

Isso mostra a autonomia do terceiro mundo em seu estágio ontológico, mesmo que em sua origem seja produto nosso. Ainda que não possamos dominá-lo, podemos aumentá-lo, muito embora as contribuições sejam pequenas. À vida do homem depende do contato com o terceiro mundo. Sua ação sobre os homens é mais importante para nosso crescimento e para o seu próprio, do que nossa ação criativa sobre ele. “Apesar, e também por causa, da autonomia do terceiro mundo, haverá sempre campo para obra original e criativa”.⁴⁵

A consideração habermasiana

Habermas se baseia na aplicação de Jarvie da teoria da ação, objetivando a justificção da tese de que “al elegir un determinado concepto sociológico de acción nos comprometemos con determinadas presuposiciones ontológicas.”⁴⁶ Habermas assegura que das relações com o mundo dependem por sua vez os aspectos da possível racionalidade da ação de um autor. E a partir daí desenvolve quatro conceitos básicos de ação, quais sejam: *ação teleológica*; *ação regulada por normas*; *ação dramatúrgica* e *ação comunicativa*.

As implicações destes conceitos na racionalidade que serão analisados por Habermas têm como base as relações que cada um deles pressupõe entre autor e mundo. Visto que geralmente as teorias sociológicas da ação não estabelecem a conexão existente entre as ações sociais e as relações autor/mundo, Habermas parte do que ele considera uma exceção, ou seja, do “interessante uso da teoria popperiana dos três mundos”, feita por Jarvie. A intenção é aprofundar os conceitos de *mundo objetivo*, *mundo social* e *mundo subjetivo*.

⁴⁴ Idem, p. 157.

⁴⁵ 152 Idem, Ibidem.

⁴⁶ HABERMAS, J. Teoría de la acción comunicativa. Madrid: Taurus, 1987. p. 122.

O que importa para Habermas é a circunstância na qual Popper põe em tela de juízo:

la convicción fundamental del empirismo según la cual el sujeto se enfrenta al mundo sin más mediaciones, recibiendo sus impresiones de él a través de las percepciones de los sentidos, o interviniendo en los estados del mundo mediante su acción.⁴⁷

Diferentemente das teorias anteriores do espírito objetivo, da tradição historicista e neo-hegeliana, que partem do primado de um espírito ativo que se desenvolve e autointerpreta nos mundos por ele constituídos, “Popper se atiene al primado del mundo frente a la mente y entiende el segundo y tercer mundos ontológicamente por analogía con el primero”⁴⁸. Popper especifica os conceitos dos três mundos partindo do conceito geral de mundo, ou seja, como a totalidade daquilo que é O caso, o que pode constatar-se em forma de enunciados verdadeiros.⁴⁹

O que importa para Habermas é o *status ontológico do terceiro mundo*, ou seja, do mundo objetivo, pois a partir daí seguem-se duas importantes consequências: “la primera concierne a la interacción entre los mundos y la segunda al estrechamiento cognitivista que representa la interpretación que Popper hace del tercer mundo”⁵⁰

A interação entre os três mundos implica uma recusa dos ideais empiristas que são fundamentais: por um lado, as entidades do terceiro mundo não podem ser reduzidas as do segundo; por outro, as relações entre as entidades de primeiro e segundo mundos não podem ser entendidas exclusivamente segundo o modelo das entidades do primeiro mundo. Considera Habermas que, embora Popper tenha criticado a concepção fisicalista do espírito subjetivo, permanece prisioneiro do contexto empirista do qual se distancia. E justifica:

Pues también en su caso las relaciones cognitivo instrumentales entre sujeto cognoscente y agente, por um lado, y las cosas y sucesos con que nos topamos ea el mundo objetivo, por otro, están

⁴⁷ Idem, p. 112.

⁴⁸ Idem, p. 113.

⁴⁹ É a posição tomada pelos filósofos que concordam com a filosofia do primeiro Wittgenstein, o do *Tractatus*.

⁵⁰ Idem, p. 114.

tan al centro de la atención, que dominan el intercambio entre el espíritu subjetivo y el objetivo.⁵¹

Os processos que envolvem o espírito humano estão primeiramente à serviço do saber teórico e da ampliação do saber *tecnicamente* utilizável. Habermas concebe que

el desarrollo de la ciencia, que Popper entiende como um processo cíclico, de carácter acumulativo⁵² entre el problema de partida, la formación creadora de hipótesis, el examen crítico, la revisión y el descubrimiento de un nuevo problema, no solamente sirve de modelo a la intervención del espíritu subjetivo en el mundo del objetivo, sino que el tercer mundo en opinión de Popper. se compone esencialmente de problemas, de teorías y de argumentos.⁵³

Embora Popper mencione junto as teorias e instrumentos as instituições sociais e as obras de arte como exemplos de entidades do terceiro mundo, “sólo ve en ellas variantes de una encarnacion de contenidos proposicionales.”⁵⁴ Habermas considera que, no fundo, o terceiro mundo de Popper é a *totalidad dos pensamientos objetivos de Frege*.⁵⁵

O terceiro mundo de Popper não é só entendido ontologicamente como “totalidade de entidades de uma determinada forma de ser”, mas também a partir da “perspectiva conceitual do desenvolvimento da ciência”. Ou seja, “el tercer mundo comprende los elementos cognitivos, científicamente elaborables de la tradición cultural.”⁵⁶ O que Habermas quer mostrar é que ambos aspectos se revelam limitados quando o conceito popperiano do terceiro mundo é usado para a fundamentação da sociologia.

⁵¹ Idem, p. 115.

⁵² Popper não aceita o conhecimento acumulativo. Em seus textos afirma explicitamente tal negação.

⁵³ Idem, ibidem.

⁵⁴ Idem, ibidem. É essa a principal base para a crítica posteriormente desenvolvida por Habermas, de que o conceito popperiano do terceiro mundo é insuficiente para desenvolver uma teoria sociológica.

⁵⁵ São pensamentos expressos em proposições que não têm referências, pois não podem ser verdadeiras nem falsas

⁵⁶ Idem, ibidem.

Embora Jarvie fixe as bases de sua posição teórica na *sociologia fenomenológica do conhecimento*,⁵⁷ inspirada em Alfred Schütz, “el *status* ontológico del plexo de la vida social que es producido por el espíritu humano y que, sin embargo, mantiene frente a él una relativa autonomía, lo analiza Jarvie según el modelo del tercer mundo”.⁵⁸ Jarvie mostra que “lo social es un ámbito independiente entre el mundo material duro y el mundo mental blando”.⁵⁹ Ou seja, o mundo social apresenta uma diversidade e complexidade específicas. Enquanto que na sociedade os homens procuram orientar suas ações através da confecção de mapas, a vida numa sociedade “imanejavelmente grande e em constante modificação” não permite tal processo, o que exige de seus membros um constante aprendizado sobre a mesma.⁶⁰ Diz Jarvie: “lo mismo la sociedad que sus miembros se encuentran en un proceso perpetuo de autodescubrimiento y autogeneración”.⁶¹

Para Habermas, a proposta jarvieniana de “transferência da teoria popperiana do terceiro mundo de seu contexto epistemológico a um contexto de teoria da ação”, tem duas importantes aplicações: além de “iluminar a interessante conexão que existe entre um conceito sociológico de ação e as relações ator/mundo que esse conceito pressupõe”, permite ver as debilidades da construção popperiana.

Ao tomar esta posição, Jarvie toma os sujeitos sociais como cientistas que desenvolvem teorias e resolvem problemas. Diz Habermas: “en el mundo de la vida

⁵⁷ Esta concepção “entiende la sociedad como una construcción social del mundo de la vida cotidiana, una construcción que es resultado de los procesos de interpretación de los sujetos agentes y que se coagula en objetividad”. (Idem, pp. 115-116)

⁵⁸ Idem, p. 116.

⁵⁹ JARVIE:1972, 165 Apud idem, ibidem.

⁶⁰ A vida em sociedade exige do homem uma determinada orientação para alcançar seus objetivos. E isso exige uma estratégia: a confecção de mapas mentais da sociedade. Estes mapas registram a posição de atos bem como as vias que conduzem aos fins propostos e as dificuldades que eventualmente apareçam. Diz Jarvie: “estos mapas son en cierto modo más blandos que los geográficos: como los mapas del sueño, crean el paisaje que representan. Pero en cierto modo son también una realidad más dura: los mapas geográficos no son reales, pero reproducen a veces, paisajes reales, mientras que los mapas sociales son paisajes que otros (sic) hombre tienen que estudiar y tomar cartográficamente.” (JARVIE:1972, 161 Apud HABERMAS, pp. 116-117)

⁶¹ Habermas, op. cit., p. 116.

las teorías cotidianas compiten de forma parecida a como lo hacen las teorías científicas en la comunidad de comunicación de los investigadores”⁶²

As objeções de Habermas

Até aqui, além de expor a proposta de trabalho de Habermas, vimos a leitura do mesmo sobre a posição de Jarvie em relação ao terceiro mundo de Popper. Jarvie transfere a teoria do terceiro mundo para um contexto sociológico, atitude esta de grande interesse para a proposta habermasiana da teoria da ação comunicativa. A seguir pretendo desenvolver as três objeções que Habermas faz à proposta jarvieniana.

1) A primeira objeção se remete à falta de clareza com que Jarvie concebe a diferença entre uma *atitude realizativa*, que faz referência ao agir cotidiano, e uma *atitude hipotético-reflexiva* frente às tradições culturais.

Para Habermas, na prática comunicativa cotidiana faz-se uso do acervo de saber cultura válido para se chegar ao consenso. E vale considerar que neste processo, por vezes, aparecem situações problemáticas as quais exigem uma revisão de algum dos padrões que estão sendo utilizados na comunicação. Habermas desconsidera que a aplicação do saber tradicional transmitido possa ser comparada à elaboração quase-científica de saber sistematicamente questionado. Vale considerar que, assim como o leigo, para decidir uma situação de ação participa de interações comunicativas através de um processo de entendimento, usando-se de um saber cultural comum, também o cientista participa de interações. No caso do cientista, “los procesos cooperativos de interpretación tienen la finalidad de someter a examen la validez de aquellas partes del saber que se han tornado problemáticas”⁶³ A diferença está no fato de que, enquanto o leigo busca a coordenação de ações, ao dentista interessa a crítica e o acréscimo do saber.

2) A segunda objeção feita à Jarvie é que, além de não esclarecer a diferença entre as duas atitudes que acima foram analisadas, “tampoco presta atención a los componentes del saber cultural que no pueden ser reducidos a

⁶² Idem, ibidem.

⁶³ Idem, p. 117.

‘pensamientos’ o a enunciados susceptibles de verdad.”⁶⁴ Habermas considera que Jarvie se equivoca ao restringir os “nexos objetivos de sentido” que os agentes produzem a padrões de interpretação cognitiva.

A partir desta leitura de Jarvie, Habermas considera que o modelo popperiano do terceiro mundo é pouco plausível, visto que, em relação às interações, “a capacidade de orientar a ação que tem os valores culturais é mais importante que a que têm as teorias”. Para Habermas, ou se assimila o status das entidades sociais ao de teorias, aí não se pode explicar porque as estruturas sociais fixam motivos de ação - o que significa permanecer no terceiro mundo de Popper. Ou o modelo das teorias científicas é desconsiderado em relação às “teorias cotidianas”, as quais trazem elementos descritivos, normativos e avaliativos, “y entonces si que cabe pensar en una conexión retroalimentativa de los motivos con los contenidos del tercer mundo”⁶⁵ ou seja, desconsiderando a primeira opção, deve-se realizar uma revisão da teoria dos três mundos de Popper. Segundo Habermas, esta versão levaria necessariamente a uma ampliação da versão popperiana do terceiro mundo, visto que a realidade normativa da sociedade depende do caráter obrigatório que possuem os valores e as normas, o que difere da posição popperiana.

3) Para Habermas a maior debilidade da proposta de Jarvie se deve ao fato da *mesma não permitir a distinção entre os valores culturais e a materialização institucional dos valores nas normas*. Segundo a visão de Jarvie, as instituições nasceriam dos “processos de entendimento” dos sujeitos agentes, analogamente à visão de Popper de como surgem os problemas, teorias e argumentos dos processos de conhecimento.

A objeção de Habermas é a seguinte: embora esse modelo explique a natureza conceitual e a relativa autonomia da realidade social, o mesmo não faz com a resistência específica e o caráter coativo das normas vigentes e das instituições estabelecidas, pelas quais se caracterizam os produtos sociais frente aos culturais.

⁶⁴ Idem, ibidem.

⁶⁵ Idem, p. 118.

Por isso, para Habermas, é necessário distinguir entre o âmbito dos valores institucionalizados e o âmbito dos valores culturais livremente flutuantes, os quais não têm o mesmo caráter obrigatório das normas de ação legítimas.

As revisões de Habermas

A importância da leitura de Jarvie da teoria popperiana dos três mundos está no fato de pôr a descoberto os *pressupostos ontológicos* que fazem parte dos conceitos — sociológicos de ação. Habermas se propõe a fazer uma revisão da teoria dos três mundos de Popper para evitar as debilidades em que cai a proposta de Jarvie. Para Habermas as objetivações culturais não podem ser reduzidas nem a atividade dos sujeitos cognoscentes, falantes e agentes, nem a relação espaço-temporais de tipo causal entre coisas e acontecimentos. E afirma: “es por eso por lo que Popper entiende los contenidos semánticos de los productos simbólicos como entidades de un tercer mundo”⁶⁶, concepção esta baseada num conceito ontológico de mundo introduzido como universo de entidades. Mas antes de fazer uso do conceito de mundo para uma teoria da ação é preciso fazer esta revisão.

1. Primeiramente, Habermas pretende substituir o conceito ontológico de mundo, utilizado por Popper, por um conceito de mundo delineado em *termos de teoria da constituição da experiência*, ou seja, um conceito de mundo baseado na prática comunicativa dos sujeitos empíricos dentro do mundo da vida. Pretende, também, adotar o par conceitual *mundo e mundo da vida*.

O conceito mundo é usado implicitamente nos processos cooperativos de interpretação pelos sujeitos socializados. Nesses processos a tradição cultural assume duas posições: ou atua como acervo cultural de saber ou se converte em objeto de elaboração intelectual.

No *primeiro caso*, a tradição cultural faz parte do mundo da vida, o qual, intersubjetivamente compartilhado, constitui o pano de fundo da *ação comunicativa*. No *segundo caso*, os participantes, ao adotarem uma *atitude reflexiva frente aos padrões de interpretação cultural*, fazem com que este ou aquele componente da tradição cultural se converta em tema. Isso significa que a validade

⁶⁶ Idem, p. 119,

do padrão de interpretação tematizado fica suspenso e o correspondente saber se torna problematizado.

2. A segunda revisão realizada por Habermas é a seguinte: propõe substituir a versão *unilateralmente cognitivista do conceito de espírito objetivo por um conceito de saber cultural como algo diferenciado em distintas pretensões de validade*.

O terceiro mundo de Popper compreende entidades de nível superior, acessíveis numa atitude reflexiva e com uma certa autonomia frente ao espírito objetivo por constituírem uma rede de problemas suscetíveis de investigação. Pode-se dizer que o terceiro mundo goza da autonomia de uma esfera de validade. As entidades suscetíveis de verdade do terceiro mundo guardam uma particular relação com o primeiro mundo: lhes servem de descrição e explicação de seus processos. Considere-se que ambos são mediados pelo segundo mundo. Dessa maneira, os elementos não-cognitivos da cultura, ainda que seja, importantes para uma teoria sociológica da ação, ficam numa posição marginal, ou seja, não guardam relação alguma com a verdade.

Habermas apresenta a seguinte alternativa: ou se nega aos elementos não-cognitivos da tradição cultura o status que as entidades do terceiro mundo possuem graças à sua inserção numa esfera de nexos de validade, classificando-os como formas de expressão do segundo mundo, ou, se busca equivalentes dessa referência à verdade, que neste caso é faltoso (posição tomada por Weber).

Weber, distinguindo as várias esferas de valor (ciência e técnica, direito e moral, arte e crítica da arte), considera que os mesmos podem ser abordados como universos de problemas que gozam de sua própria autonomia. Para ele, a partir da tradição cultural podem desenvolver-se esferas de valor e sistemas de saber especiais, designando, assim, ao terceiro mundo os componentes valorativos e expressivos da cultura (cognitivos instrumentais). Desta maneira, é preciso explicar o que significa *validade e saber* em relação aos elementos não-cognitivos da cultura, pois estes não podem por-se em correspondência com entidades do primeiro mundo da mesma forma que o terceiro mundo.

3. A partir daí, Habermas chega à *terceira revisão*: libertar o conceito de mundo de suas limitativas conotação ontológicas. Enquanto “Popper introduce

diversos conceptos de mundo para deslindar diversas regiones del ser *dentro* de un único mundo objetivo”⁶⁷, Habermas, segue falando de três mundos - “los que constituyen conjuntamente el sistema de referencia que los participantes suponen en común en los procesos de comunicación”⁶⁸ -, que não devem confundir-se com o mundo da vida. destes três, só “el mundo objetivo puede ser entendido como correlato de la totalidad de los enunciados verdaderos”⁶⁹

Numa comunicação estabelecida a partir do sistema de referência os participantes não só estabelecem uma relação com o mundo objetivo, senão também com o mundo subjetivo.

Hablantes y oyentes manejan un sistema de mundos cooriginarios. Pues con el habla proposicionalmente diferenciada no sólo dominan un nivel en que pueden exponer estados de cosas, sino que todas las funciones del lenguaje, la de exposición, la de apelación y la de expresión, están a un mismo nivel evolutivo.⁷⁰

Referências

- HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa I*. Madrid: Taurus, 1987.
- POPPER, K. R. *Conhecimento objetivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Metrix, 1974.
- OLIVA, A *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Campinas: Papirus, 1990.

⁶⁷ Idem, p. 121.

⁶⁸ Idem, ibidem.

⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁰ Idem, p. 122.